

A mineração por seus mineradores: uma história social da mineração

Júlia Camargos Magalhães¹, Luis Fernando Tosta Barbato²

¹ Estudante do curso Técnico em mineração na modalidade integrado ao ensino médio no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, campus Patos de Minas.

E-mail: julia.magalhaes@estudante.iftm.edu.br

² Orientador(a)/Professor(a) do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus Patos de Minas

E-mail: luis.barbato@iftm.edu.br

PALAVRAS-CHAVE : História social; Atividade mineira; História oral; Capital humano.

Introdução

A atividade mineradora há séculos ocupa um lugar de destaque na sociedade brasileira, seja por sua importância econômica, seja por seus impactos ambientais, seja pela sua importância à própria formação do Brasil. Estudar a história da mineração brasileira é, de fato, estudar a história de um país extenso que baseou, por um período, a grande parte da sua economia e das justificativas de exploração de paisagens naturais, a atividade mineira. Desde o Brasil colonial, quando o ouro foi descoberto e explorado em larga escala, principalmente nas áreas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, o papel da atividade mineradora vem sendo bastante influente na formação da sociedade como um todo, trazendo reflexos do passado até hoje para a vida cotidiana dos mineradores e daqueles que habitam o entorno da atividade.

É visto que, mesmo entre dados econômicos, entre estudos que tratam da importância da mineração para a conformação espacial e social do Brasil, ou pelas análises que apontam as disparidades existentes entre a atividade mineradora e uma nova ordem ambiental que cada vez mais ganha espaço, muitas vezes o trabalhador do setor, uma das mais importantes engrenagens desse complexo sistema, passa quase incólume aos olhos dos mais diversos pesquisadores e analistas que se debruçam sobre o tema.

A história da mineração conta com uma série de discussões e contradições que se perpetuam até os dias atuais, já que a atividade vem sendo objeto de debates que, ora tendem exaltar seus problemas, ora tentam protagonizar seus potenciais de riqueza. Não isentando a atividade dos sérios impactos negativos ao seu entorno, a atividade mineradora deve ser analisada de uma maneira singular as suas facetas que se moldam a partir do papel em que é atribuído às mesmas em um determinado cenário da história brasileira.

Quando se trata de mineração, quase que subitamente se pensa nos impactos, sejam eles benéficos ou não, para o meio circundante da vida e também para o crescimento econômico de um determinado país ou região (SANTOS; MILANEZ, 2013, p. 132-133). Mas, sabendo da existência de uma pirâmide específica da sustentabilidade, e que todos os seus pilares são totalmente dependentes entre si, o meio ambiente, a atividade econômica, e a sociedade são postas estrategicamente, de modo a ficar num equilíbrio que demanda tempo, investimento e responsabilidade, e na qual, muitas vezes, o elemento humano é relegado a um segundo plano, seja em aspectos sociais, seja no tocante à sua própria importância enquanto agente histórico do processo.

É básico dizer que a persistente negligência para com esta pirâmide sustentável é um reflexo da colonização portuguesa e sua conduta para com a mineração, principalmente no estágio inicial da exploração mineira no território. Caio Prado Júnior, um dos mais importantes nomes da própria historiografia brasileira, chega a dizer que foi justamente no ciclo da mineração que o Brasil ganhou seus contornos no que toca ao baixo nível intelectual e educacional – o que pende negativamente a pirâmide da sustentabilidade – visto que o Estado Português, mais preocupado em extrair riquezas do solo, se esqueceu do capital humano, sendo nas palavras do historiador “o capítulo mais negro talvez da administração colonial portuguesa” (PRADO JR, 1961, p. 180).

Sérgio Buarque de Holanda, outro importante estudioso da formação do Brasil, nos traz a mineração como um dos elementos centrais para a formação do país, pois gera uma “sociedade movediça”, nas quais as

na qual a civilidade e o luzimento muitas vezes eram menos importantes que a riqueza material que o ouro podia trazer (HOLANDA apud FERREIRA, 2014, p. 87-88). Sendo assim, a mineração representava, para Sérgio Buarque de Holanda, o espírito aventureiro e extrativista que marcou o colonizador lusitano no Brasil, de caráter perdulário e ávido por lucros, ocupando assim na história do Brasil um lugar bastante simbólico, uma vez que traz a contradição da riqueza material que representa, e os parcos reflexos sociais que muitas vezes acompanham a atividade mineradora (HOLANDA, 1995).

Nesse sentido, como nos traz Fernando Novais, a mineração ocupa um lugar bastante dúbio em nossa história, nas quais as memórias relatam, desde sempre, um embate entre destruição e progresso, e do qual o minerador, é muitas vezes, alijado:

Exemplo desse esforço e dessas contradições podem ser consideradas as várias memórias e escritos que à época se produziram sobre as minas, sua utilidade ou desvantagem, os efeitos estimulantes ou regressivos da mineração sobre o conjunto da economia nacional, as técnicas mineradoras, etc. Realmente, o legislador metropolitano, ao situar no mesmo plano de importância – como produções de terra, e pois legítima riqueza – agricultura e lavra mineira, toma posição num debate aberto no pensamento fisiocrático. E de fato, hesitaram os fisiocratas em atribuir às atividades extrativas aquela mesma capacidade de engendrar incrementos líquidos de riqueza; não lhes escapava, contudo, a visão de que, enquanto a terra, na produção agrícola, se apresenta como uma fonte que constantemente se renova, as minas tendem pelo contrário a um inexorável esgotamento: na palavra de Turgot, a terra produz frutos, a mina é ela própria o fruto a recolher (NOVAIS, 2000, p. 226-227).

Sabendo disso, o presente trabalho tem como principal objetivo estudar a própria sociedade envolta e envolvida ativamente com a atividade mineradora, assim como suas narrativas históricas, que, durante toda a história alterou o espaço e gerou dinâmicas econômicas e sociais de impacto relevante, e das quais, seus agentes mais intrincados no processo, não puderam contribuir para a construção dessas narrativas e de seu lugar de fala. Assim, através da História Oral, pretende-se incluir as memórias e os conhecimentos dos trabalhadores do setor de mineração da região do Alto Paranaíba, de Minas Gerais, em um escopo que visa construir a História da Mineração na região e no Brasil a partir desse local de fala tão específico e tão importante, e muitas vezes negligenciado pelas mais diversas áreas que têm o seu foco nos estudos específicos da mineração brasileira

Materiais e Métodos

Para a execução desse projeto de pesquisa, foi utilizado como metodologia principal a História Oral. Foi através de suas técnicas que foram alcançados os objetivos propostos, de maneira a construir uma História Social da Mineração a partir das memórias dos trabalhadores do setor. A história oral pode ser entendida como a metodologia de trabalho do historiador baseada no testemunho de acontecimentos, modos de vida, conjunturas, instituições e quaisquer outros aspectos históricos, o que torna, portanto, a memória humana como o objeto central dos estudos de história oral. Essa memória deve ser entendida, nas palavras de Juliana Matos e Adriana Senna como “uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado [daquele presente na memória humana], nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção” (MATOS & SENNA, 2011, p.96).

Portanto, dentro da história oral, a entrevista se torna o cerne desse tipo de pesquisa histórica, pois, é através do trabalho de perguntas e respostas, que se consegue atingir determinados testemunhos, imersos no turbilhão de informações que formam a memória humana, permitindo assim que o historiador alcance conhecimentos específicos. No mais, a entrevista em história oral, ao ser gravada, permite o registro, a preservação e a perpetuação de testemunhos, lembranças, experiências e tudo mais que está na memória daqueles que se prestaram a compartilhar suas vivências com os demais, fazendo com que o conhecimento, até então oculto, possa ser vivido também pela coletividade.

Frente a todas essas questões, podemos definir a história oral como:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar

acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Já com um levantamento bibliográfico significativo e com alguns meses da realização da parte teórica da pesquisa, os pesquisadores se reuniram de forma a estruturar as perguntas que melhor responderam as questões e os objetivos previamente postos no projeto de pesquisa. Dessa forma, foram selecionadas um número inicial de 7 perguntas, sendo a principal delas e também a que mais reflete o resultado deste presente trabalho: Qual é o lado positivo de trabalhar na mineração? E o negativo? (Na concepção individual do trabalhador).

Mesmo com uma entrevista pré-estruturada e com um número significativo de possíveis profissionais a serem entrevistados, foi possível a realização de apenas três entrevistas¹, ambos técnicos em mineração aposentados, o que comprometeu os resultados anteriormente esperados. O primeiro entrevistado é residente na cidade de Lagoa Formosa, MG, e formou-se como técnico em mineração em 1986. Foi atuante no mercado de manganês, mais precisamente nas minas subterrâneas do Mato Grosso do Sul, e desde o início de sua carreira, trabalhou como líder de turno, algo que se estende por 26 anos de atuação na área da mineração.

O segundo entrevistado é residente na cidade de Patos de Minas, MG, e concluiu o curso Técnico em Mineração em 1979. Sua carreira na mineração se estende em 17 anos, com diversos cargos dentro das principais mineradoras pelas quais atuou, dentre eles: a área de beneficiamento de minérios, de desmonte de rocha (perfuração e preparação de explosivos) - área esta que atuou até a sua retirada da atividade mineira em 1996 -; além de ter trabalho por alguns anos no Ministério de Minas e Energia no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) atual Agência Nacional de Mineração (ANM).

O terceiro entrevistado também residente na cidade de Patos de Minas, MG, formou-se como técnico em mineração em 1973. Fez estágio na Companhia Brasileira de Tecnologia Nuclear, mais especificamente na mineração de urânio, mas seu protagonismo na área se deu extração de ferro - lavra a céu aberto -, onde era responsável pela topografia, pelo controle de qualidade de minérios, pela dinamitagem, atuando na supervisão geral de extração e transporte do minério. A sua última prática se deu numa ampla empresa mineradora, no qual limitou-se na área de perfuração e dinamitagem até sua aposentadoria em 2010.

Resultados e Discussões

Como motivo da limitação do número de entrevistas, cita-se as recomendações de distanciamento social devido a situação pandêmica do covid-19, sendo, também, uma principal dificuldade enfrentada para a finalização da presente pesquisa. Porém, mesmo com a ausência de uma data definida para as atividades presenciais, as fases finais da pesquisa puderam ser parcialmente finalizadas de maneira remota. Assim, até então, houve uma comparação de respostas das entrevistas, de forma a tirar as melhores considerações finais dentro das limitações impostas devido às circunstâncias da pandemia.

Nesse sentido, é possível concluir que, ambos os três entrevistados - antigos técnicos em mineração inseridos num cenário privilegiado da profissão - apresentaram pontos de vista positivos em relação à prática mineradora. Sobre isso, os entrevistados apresentaram respostas concomitantes que exaltaram as questões benéficas da indústria mineradora, conseqüentemente, acobertando as questões negativas associadas à profissão. Dessa forma, ao serem indagados sobre um lado positivo e negativo da mineração, suas respostas foram:

Eu só vejo o lado positivo, não vejo negativo. Sempre tive orgulho da mineração e sempre tive um padrão de vida alto. As questões negativas podem ser os acidentes e tudo mais, mas isso nunca me afetou diretamente. Para mim, a sociedade mineira sempre foi bem vista na sociedade (ENTREVISTADO 1, 2019).

¹ Tal questão se deu pelo início da pandemia em 2020 e da interrupção de atividades presenciais vinculadas ao campus.

Ainda sobre essa questão, o Entrevistado 2 (2019) ressalta a satisfação que teve em trabalhar com a mineração, uma vez que o retorno econômico sempre atendeu suas necessidades. O Entrevistado 3 (2019) também expressou uma imensa admiração pelo seu trabalho, mesmo reconhecendo os riscos de saúde e ambientais da prática.

Dessa forma, com os relatos e com a escrita das memórias dos técnicos em mineração entrevistados, é possível apontar uma parcial conclusão positiva acerca da atividade, levando em conta os retornos, sejam estes econômicos, sociais ou ainda culturais, para a particularidade de cada um dos profissionais aqui mencionados. É lícito ainda mencionar que a presente pesquisa ainda está em andamento, uma vez que as entrevistas foram retomadas, assim como suas análises e o processo de comparação de dados, podendo ter seus resultados alterados após a finalização das análises.

Considerações Parciais ou Finais

O presente trabalho carrega uma carga de importância tanto para se entender melhor a questão da história cultural, quanto para a escrita da história social da mineração de forma a protagonizar as memórias e as realidades dos trabalhadores inseridos no setor. O objetivo principal deste trabalho procurava expor, através da história oral, as experiências e as opiniões dos mineradores acerca de sua própria profissão e as demais variáveis que dependem dela, tais como a organização urbana de uma cidade ao redor de uma empresa mineradora, o meio ambiente e as questões relacionadas ao retorno econômico e a acumulação de riquezas. Procurava-se dar voz e oportunidade de fala às pessoas que tão pouco são mencionadas na grande realidade de riqueza da indústria mineradora, principalmente pensando em priorizar os efeitos e as consequências da prática extrativa em seus corpos, uma vez que os pensamentos coletivos tornados nas suas expressões mais repetitivas e menos pessoais sejam objetificados, isto é, reconduzidos a um conjunto mínimo de fórmulas onde só há que estudar a frequência diferencial no seio dos vários grupos de uma população (CHARTIER, 1989).

Apesar das limitações dos resultados aqui apresentados, é necessário que se entenda a importância por trás da escrita da história social da mineração, uma vez que as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tentar impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1989).

Com os recentes desastres de Mariana e Brumadinho, a atividade Mineradora ganhou relevância nos mais diversos espaços acadêmicos, principalmente no que toca aos seus antagonismos com o meio ambiente e seu potencial de destruição às vidas humanas. No entanto, o que notamos é que muitas vezes o elemento humano, chave nesse processo econômico, é alijado desses debates, estando a mineração mais em foco quando se trata de seus impactos econômicos ou ambientais. Desta maneira, o que justifica essa pesquisa é a falta de trabalhos que tragam uma história da mineração construída a partir daqueles que estão diretamente envolvidos no processo, capaz de trazer essa história em um viés até então pouco trabalho, sendo assim esse trabalho importante para a construção da própria história da mineração no Brasil.

Referências

- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ARAÚJO, Eliane R; FERNANDES, Francisco R. Chaves. **Mineração no Brasil**: crescimento econômico e conflitos ambientais. Centro de Tecnologia Mineral. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br/handle/cetem/1909>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Política Socioambiental para o Setor de Mineração. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/responsabilidade-social-e-ambiental/o-que-fazemos/relacionamento-clientes/analise-socioambiental/politica-mineracao>. Acesso em: 5 jun. 2020.

Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CASTILHOS, Z. C; CASTRO, N. F. Mulheres na mineração: restituição que será também. **Ministério da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em:

<http://mineralis.cetem.gov.br/handle/cetem/1304>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Algés: Difel. 1989.

FIGUERÔA, Silvia F. de M. A mineração no Brasil: aspectos técnicos e científicos de sua história na colônia e no império (séculos XVIII-XIX). **América Latina em la Historia Económica**, pp.41-55. 1994.

GONÇALVES, A. L. **Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em Minas Gerais no século XVIII**. In: Seminário sobre a economia mineira, 11., 2004. Diamantina. Belo Horizonte : CEDEPLAR/UFMG, 2004. p.1-23. Disponível em:

<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/1303>. Acesso em: 30 mar. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivansky de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395> Acesso em: 8 out. 2018.

NOVAIS, Fernando Antonio. A proibição das manufaturas no Brasil e a política econômica portuguesa do fim do século XVIII. **Revista de História**, São Paulo, n. 142-143, 2000. [Especial 50 anos – Homenagem a Ilana Blaj]. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18900> Acesso em: 8 out. 2018.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e. O rei nas minas: a construção simbólica do Império Português na Capitania de Minas Gerais. **História Revista**, Goiânia, v. 21 n. 1, 2016. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/36990>. Acesso em: 25 jul. 2019.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

SANTOS, Rodrigo Salles Pereira dos; MILANEZ, Bruno. Neoextrativismo no Brasil? uma análise da proposta do novo marco legal da mineração. **Revista Pós Ciências Sociais**. v.10, n.19, jan/jun. 2013.

Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/1940> Acesso em: 8 out. 2018.

SANTOS, Yolacir C. de Souza. **Segurança e Saúde Ocupacional na Indústria da Mineração: aspectos técnicos das legislações e estatísticas de acidente**. 2012. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal do Espírito Santo. 2012.

SILVA, Olintho Pereira da. A mineração em Minas Gerais: passado, presente e futuro. **Geonomos**, Belo Horizonte. v.3 n.1. 1995. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistageonomos/article/view/11523>. Acesso em: 20 jul, 2019.

SOUZA, Rita de Cássia Martins de Souza. A mineração na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: agente de modernização e formação de fronteira. **Ateliê Geográfico**. v.11, n.3, 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/view/53151>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SOUZA, Rita de Cássia Martins; MOREIRA, Diego Henrique; PEDROSA, Antônio de Sousa. A mineração na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. In: Simpósio Mineiro de Geografia. 2014. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/anais>. Acesso em: 20 jul. 2019.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de. **Metodologia da Pesquisa**. 2 ed. Curitiba. IESDE Brasil S.A. 2009.

Agradecimentos

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da produção deste trabalho, em especial ao meu professor orientador Luis Fernando Tosta Barbato e aos entrevistados, o meu muito obrigada.